

**SE ESSA RUA FOSSE MINHA EU MANDAVA LADRILHAR: CONFLITOS NA RELAÇÃO GOVERNO-SOCIEDADE SOB O CONTEXTO DISCURSIVO EM CIDADES**

**CARLOS CÉSAR DE OLIVEIRA LACERDA**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

**SÉRGIO CARVALHO BENÍCIO DE MELLO**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)

Agradecimento à órgão de fomento:  
Capes.

# SE ESSA RUA FOSSE MINHA EU MANDAVA LADRILHAR: CONFLITOS NA RELAÇÃO GOVERNO-SOCIEDADE SOB O CONTEXTO DISCURSIVO EM CIDADES

## 1. Introdução

As áreas dos centros históricos ao longo dos anos foram perdendo, por inúmeras razões, seu valor econômico, social e cultural. Essas áreas possuem um valor simbólico e atualmente tem se percebido uma retomada desses espaços através de intervenções urbanísticas, requalificando a cidade e fazendo com que a sociedade volte a usar o lugar. Entretanto, questiona-se: que tipo de requalificação estão propondo? Essa discussão se mostra intrigante através de uma administração na esfera pública e social pautado em um modelo sistêmico de administração de forma descentralizada, ou seja, voltado para a participação popular integrando os atores públicos (FREITAS; FREITAS; DIAS, 2012; ANGNES; MATOS; KLOZOVSKI; STURM, 2013; KLERING; PORSSE, 2014).

Atualmente muitos projetos de intervenção urbanística têm sido idealizados na busca de modernização e colocar as cidades no eixo econômico promissor, impulsionando os movimentos de melhoria dos espaços públicos no que diz respeito ao planejamento urbano, a gestão nas cidades e o desenvolvimento regional (BRAUN *et al.*, 2015). Nesse sentido, o porto Cais Mauá, localizado no espaço geográfico de Porto Alegre é um espaço público com inúmeras peculiaridades e atualmente é alvo de recuperação pelo poder privado e público para a preservação e ao mesmo tempo, o fomento ao turismo daquela localidade.

Em 2010 foi lançado Edital de Concorrência 001/2010, para aprovação das propostas de requalificação do Cais Mauá. O projeto vencedor da concorrência deverá observar e priorizar a acessibilidade, o restauro do patrimônio histórico e a realocação dos prédios públicos atualmente existentes. No final do citado ano foi assinado um contrato entre a Cais Mauá do Brasil S.A. e o Governo do Estado para a requalificação do Cais, enfatizando que o novo Cais Mauá será um ícone de modernidade para a cidade de Porto Alegre.

Após essa ação, o espaço foi alvo de polêmicas devido à proposta de requalificação e no ano de 2015 o Cais Mauá foi objeto de discussões sobre esse projeto por manifestantes que se mostraram contra o projeto. Percebe-se a problematização em torno da área, onde diversos atores disputam espaços de convivência na tentativa de “organizar a cidade”. Nesse caso, a cidade é percebida como um grande organismo que precisa de políticas públicas para seu efetivo funcionamento, atendendo o maior número possível de demandas sociais.

O Cais projetado pelo grupo vencedor pretende dar a cidade de Porto Alegre uma cara mais sofisticada no sentido de atração turística. A proposta de requalificação procura agregar novos usos para este espaço e colocar Porto Alegre no contexto de consumo cultural, turístico e concorrência intercidades, através da política de intervenção no Cais a fim de projetar uma imagem de cidade inovadora e integrante das tendências do mundo globalizado.

Diante dessa proposta de requalificação os vários questionamentos começam a emergir no campo discursivo ao discutir um conceito de cidade e de gestão pública. Todos esses questionamentos se agrupam na seguinte questão de pesquisa: *Como os conflitos sociais situados no domínio do direito à cidade e nos propósitos da produção do espaço urbano são descritos segundo uma prática discursiva de caráter social?*

Percebe-se que existem esses conflitos em relação as tendências mais participativas, passando a dar mais atenção a relação nos segmentos como a sociedade e as entidades privadas, ou seja, como um networking (KJAER, 2011; ASHWORTH *et al.*, 2013). Dessa forma, o objetivo do presente trabalho foi: *explicar como os conflitos sociais são descritos segundo as práticas discursivas inerentes a requalificação do Cais Mauá, gerando significados as suas lutas no domínio do direito à cidade e nos propósitos da produção do espaço.*

O enfoque foi a partir da Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, uma teoria pós-estruturalista que problematiza os discursos. Paralelamente essa discussão também foi realizada com o apoio da teoria do Direito à Cidade de Henri Lefebvre e nos estudos sobre a Produção Capitalista do Espaço de David Harvey que abordam a construção da cidade como algo coletivo.

## **2. Fundamentação Teórica**

### **2.1. A cidade como organismo vivo: o direito à cidade e a produção capitalista do espaço**

Lefebvre (2008) observa a cidade como o laboratório do homem. Para o autor, antes era a terra a centralidade desse laboratório e só depois a cidade tomou esse lugar. Dessa forma, a problemática urbana surge como uma ideologia e prática e o ponto de partida para a discussão seria a industrialização e a urbanização através da produção do espaço (LEFEBVRE, 1874).

Nesse caso, a cidade é discutida sob a ótica de uma grande rede tecnicamente socialmente e politicamente, onde o capital e o Estado estabelecem suas relações. O núcleo urbano é apontado como um produto de consumo, assumindo um “duplo papel: lugar de consumo e consumo de lugar” (LEFEBVRE, 2008, p. 20). É nesse mesmo sentido que Harvey (2005) apresenta as contradições do modo capitalista de produção nas relações de classe em comparação ao socialismo e a discussão da justiça social na cidade (Harvey, 1980). Assim, o modo de produção do espaço começa a ser compreendido por meio das várias demandas inerentes ao mesmo, que é caracterizado por sua transformação (GOMES, 1990).

O urbanismo por meio da venda de mercadoria é uma temática expressiva nos estudos de Lefebvre (2008) e Harvey (2005). Para o primeiro autor, o urbanismo, nesse caso, concebe a cidade para o mercado, visando o valor de troca apenas, o lucro. Dessa forma, não se vende moradia e sim um estilo novo de residir por meio de uma cidade feliz, segura e longe da desordem. Ainda para Lefebvre (2008) a cidade contemporânea está nas condições de arquitetos formais e administradores estratégicos, o que para ele é uma problemática, pois traz tipologias urbanas excludentes.

Por essa compreensão, a cidade emite e recebe mensagens. Numa análise semiológica, existe a fala da cidade, a língua da cidade, a linguagem urbana e a escrita da cidade, onde os signos são gerados e compartilhados, trazendo a produção e consumo desses signos na cidade. É nesse contexto que Gehl (2013) apresenta uma discussão sobre as cidades vivas que são aquelas em que as pessoas conseguem interagir umas com as outras em um sistema de sociabilidade, com algo grau de experiências.

Dessa forma, o Direito à Cidade se apresenta como o próprio direito à vida. A cidadania integral de forma totalizante a todos os habitantes é reivindicada todo o tempo como forma de expressar um direito aos cidadãos, fazendo emergir a humanização como uma necessidade do direito à liberdade. Em outras palavras, o espaço urbano é produzido pelo homem a partir da forma que ele o percebe (experimental), o concebe (pensa sobre) e o vive (age) (LEFEBVRE, 2008; HARVEY, 2005).

A “modernização” concebida no projeto de um “porto alegre” é vista nas contribuições desses autores. Harvey (2005) chama atenção para este tipo de modernização, pois salienta que o processo de feitura da cidade, no capitalismo tardio, é tanto produto quanto condição dos processos de transformação da governança urbana, tecendo considerações sobre os limites do capital (HARVEY, 2015), ou seja, de acordo com o autor a atividade é mostrada como espetáculo para aqueles que estão excluídos dela e se legitima configurando um novo imaginário de integração e memória. Dessa maneira, o paradoxo entre o percebido e o vivido (LEFEBVRE, 1999) está ligado a prática como as diferenças no cotidiano do cidadão que baliza ainda mais os conflitos e contradições.

## 2.2. Pós-estruturalismo e a teoria do discurso de Laclau e Mouffe

Origens do que Howarth (2013) aponta como um projeto pós-estruturalista remetem às décadas de 1960 e 1970 da França, em que se verifica um engajamento de intelectuais no questionamento de premissas associadas ao pensamento estruturalista e formalista. Dentre as obras que fomentaram os eventos de maio de 1968 em Paris e a emergência desta nova corrente estão: *Écrits* de Jacques Lacan e *A Ordem das Coisas* de Michel Foucault, em 1966; *Escritura e Diferença*, e *Gramatologia* de Jacques Derrida, assim como *Diferença e Repetição* de Gilles Deleuze, em 1968; *Arqueologia do Conhecimento* de Foucault, e *Semiotike* de Julia Kristeva, em 1969; *S/Z* de Roland Barthes, e *O Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari, em 1970. O fio que os une é a crítica ao existencialismo, à fenomenologia e ao Marxismo, assim como a reelaboração de temáticas associadas ao estruturalismo.

Além da crítica as noções de verdade e sua ênfase na pluralidade da interpretação. Todos os seus pensadores problematizam o sujeito cartesiano – kantiano humanista (sujeito autônomo, livre e autoconsciente). Isso quer dizer que o sujeito é construído a partir de práticas socioculturais, submetido as práticas e as estratégias de normalização e individualização que caracterizam as instituições modernas (PETERS, 2000). Para Sarup (1993), o pós-estruturalismo ao efetuar uma crítica política dos valores iluministas, representa um aprofundamento da noção de democracia através dos discursos, pois criticam que as democracias liberais constroem a identidade política em oposições binárias com o efeito de excluir certo grupos culturais.

Diante das abordagens concentradas para a utilização e o entendimento do discurso nas ciências sociais, a Teoria do Discurso (TD) nasce como uma alternativa epistemológica para a análise de eventos políticos, sociais e culturais (HOWARTH, 2000; HOWARTH; NORVAL; STRAVAKAKIS, 2000; MENDONÇA, 2009; DELAGNELLO; BÖHM, 2010). A TD é uma teoria política elaborada por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe que problematiza os sujeitos a partir das vozes (discurso), o discurso nessa perspectiva, precisa ser entendido como um sistema de significados contingentes inerentes as estruturas sociais (CORDEIRO; MELLO, 2010; FOUCAULT, 1996). Laclau e Mouffe (2015) discutem suas perspectivas por meio de 3 conceitos relevantes: discurso, a noção de hegemonia e antagonismo social.

O discurso é um conjunto de elementos dados a partir de uma série de relações, compreendido pelas possibilidades de polissemia dos significantes (LACLAU, 2011). A hegemonia significa a dominação em que um certo grupo é subjugado a outro onde passa a ser controlado pelas suas ideologias. Assim, compreende-se que não existe a busca pela hegemonia sem uma luta (Mendonça, 2007). Em relação ao conceito de antagonismo social, na leitura de Laclau e Mouffe (1985) a presença do “outro” previne que eu seja totalmente eu.

Também é apresentado os conceitos de cadeias de equivalência e diferença. Na visão dos autores, a cadeia de equivalência é através da lógica de simplificação do espaço político que expande o polo pragmático, assim, reduzindo o número de possíveis posições do sujeito. Já na cadeia de diferença, se representa uma lógica que expande o polo sintagmático, levando a um aumento da disparidade da posição do sujeito (LACLAU E MOUFFE, 2015).

## 3. Metodologia

A corrente pós-estruturalista encaminhou todo o percurso metodológico do trabalho. Quanto a abordagem, o trabalho é uma pesquisa de caráter fundamentalmente qualitativo da pesquisa social por meio do aprofundamento da compreensão nos discursos, pois como confirma Godoy (2010) esse tipo de abordagem envolve a aquisição de dados descritivos sobre indivíduos, espaços e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com o contexto estudado (CRESWELL, 2010; YIN, 2016).

Foi utilizado o método da lógica da explanação crítica abordado por Glynos e Howarth (2007), também teóricos do discurso. Howarth *et al.* (2016) apresentam que a lógica da

explanação crítica se divide em cinco passos relevantes: problematização, retrodução, lógicas, articulação e crítica. Entretanto, pode-se considerar que estão aglutinados em três grandes momentos, onde a problematização é responsável pelo primeiro momento, a retrodução juntamente com as lógicas e a articulação são responsáveis pelo segundo momento, formando os ciclos retrodutivos e por fim, o momento da crítica que é formado pela justificação e persuasão.

A forma de acesso ao dado foi por meio da análise do discurso foucaultiano através do seu primeiro ciclo teórico: a arqueologia, uma vez que está alinhado a TD de Laclau e Mouffe. A arqueologia foucaultiana propõe as condições de possibilidades de como os saberes foram construídos ao longo da história, problematizando-os e desconstruindo o conceito de verdade e o poder nessas relações (FOUCAULT, 2014a; FOUCAULT, 2014b).

Para tanto, é necessário acessar o interior desses discursos que dão sustentação a certas formações discursivas. Essa abordagem se pauta nos discursos para entender como se deu as formações através da identificação de certos enunciados, funções e regras, que servem como o interior desses discursos (quadro 01).

**Quadro 01: Categorias do Método em Foucault**

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
Enunciados	São átomos do discurso; unidade mais básica; não tem forma fixa ou conteúdo imutável; precisa ser correlacionado com outros enunciados; é diferente de uma simples frase; é diferente de proposição; é diferente de atos de fala; apesar que podem assumir essas formas, mas a elas não se submete.
Funções Enunciativas	Indica como o enunciado “age” sobre determinado assunto; é parte do próprio enunciado; Foucault (2014) estabelece critérios para identificar as funções nos enunciados: referencial, sujeito, campo e materialidade.
Regras de Formação	As formações são derivadas de certas regras; as regras servem para identificar as formações; Foucault (2014) também estabelece critérios para identificar as regras: objeto, modalidade, conceito e estratégia. São equivalentes aos critérios das funções enunciativas.
Formação Discursiva	A formação discursiva é a derivação dos enunciados, funções e regras; os elementos históricos são fundamentais para compreender as formações; problemática a produção dos saberes; são submetidos a certa regularidade.

Fonte: Organizado pelos autores a partir de Foucault (2014).

Dessa maneira, a análise se inicia pela identificação dos enunciados e suas relações, depois dessa fase fica mais sensível a identificação das funções por meio dos seus critérios. A terceira etapa é as regras de formação através dos critérios mencionados anteriormente e por fim essas etapas propiciam as formações discursivas de determinado discurso.

Outro detalhe se refere ao conjunto de dados utilizados para acesso aos discursos em Foucault o qual ele denomina de arquivo. O arquivo é uma noção mais ampla que produz os enunciados e conduzirá a possibilidade de analisar as práticas discursivas de determinada sociedade. Foucault (2008) explica que não se refere a conservação e manutenção de documentos e sim ao nível de uma prática que se faz. Esses dados devem conter as unidades dos discursos que serão analisados por meio de uma ordem discursiva (THIRY-CHERQUES, 2008). Nesse sentido, o arquivo de pesquisa foi construído por dados coletados por meio de três grandes técnicas: observação participante, entrevistas e dados documentais.

A observação participante foi realizada por meio de visitas ao local onde está localizado o Cais Mauá no mês de outubro de 2016, onde o pesquisador fez anotações de campo, registro fotográfico e participou de passeios no objeto de estudo na intenção de saber se aquele lugar seria desprovido de historicidade. No que diz respeito às entrevistas, os entrevistados foram

pessoas ligadas aos movimentos de resistência e que possuíam importância no mesmo (quadro 02).

**Quadro 02: Lista dos Entrevistados**

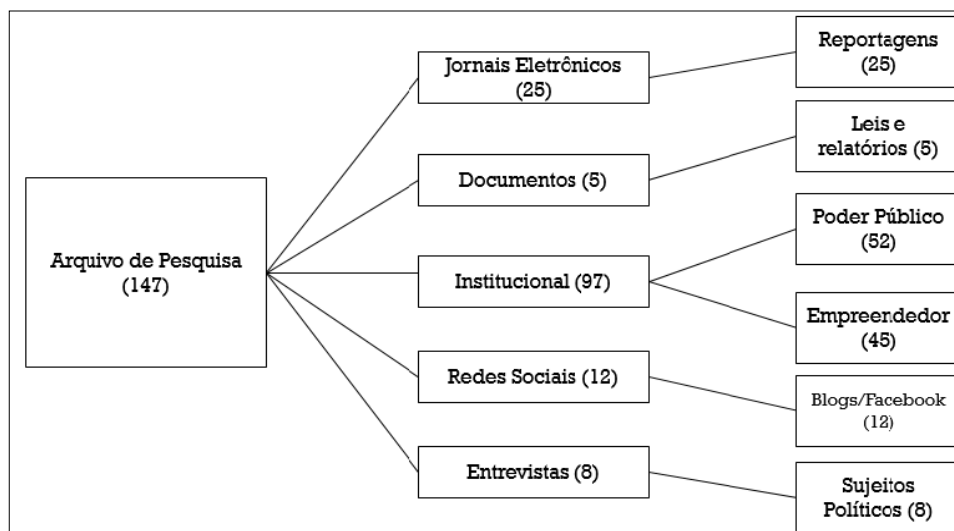
<b>CÓDIGO</b>	<b>DESCRIÇÃO DOS ENTREVISTADOS</b>
Entrevistado 01	Co-fundadora do movimento “Minha Porto Alegre” e participante do movimento “Cais Mauá de Todos”.
Entrevistado 02	Assessoria jurídica do movimento “Cais Mauá de Todos”.
Entrevistado 03	Atuante da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural – AGAPAN.
Entrevistado 04	Integrante da Associação dos Geógrafos do Brasil – AGB e participante do movimento “Cais Mauá de Todos”.
Entrevistado 05	Participante do movimento “Cais Mauá de Todos” e vereador.
Entrevistado 06	Presidente da Associação de Moradores do Centro Histórico.
Entrevistado 07	Participante do movimento “Cais Mauá de Todos” e deputado estadual.
Entrevistado 08	Moradora do bairro do Centro Histórico.

Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Foi realizado também uma análise documental (CELLARD, 2008), por meio de sites de diversas fontes: notas de repúdio, leis, ações judiciais; relatórios, instituições e reportagens. As reportagens tiveram um recorte temporário entre março de 2015 até outubro de 2016 separadas e salvas na íntegra.

Assim, foi montado o arquivo de pesquisa com os seguintes dados: jornais eletrônicos por meio de reportagens; documentos (leis e relatórios ambientais); o grupo institucional referente ao poder público (notícias retiradas do site da prefeitura, governo do estado e do âmbito federal) pois é o canal que representa o discurso oficial dessa categoria; o grupo institucional referente ao empreendedor (matérias vinculadas no site do consórcio Cais Mauá Brasil S.A) pois é o canal que representa o discurso oficial dessa categoria; redes sociais por meio de blogs referente a sociedade civil organizada e facebook; e as entrevistas de cunho qualitativo (POUPART, 2008) realizadas com os representantes dos movimentos de resistência (Figura 01).

**Figura 01: Composição do Arquivo de Pesquisa**



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Para apoiar as análises, foi utilizado o Software NVivo para codificar as informações e organizar os dados do arquivo. O software é utilizado em pesquisas de cunho qualitativo, especialmente nas pesquisas sociais, sendo um dos mais utilizados no espaço acadêmico brasileiro (LAGE, 2011).

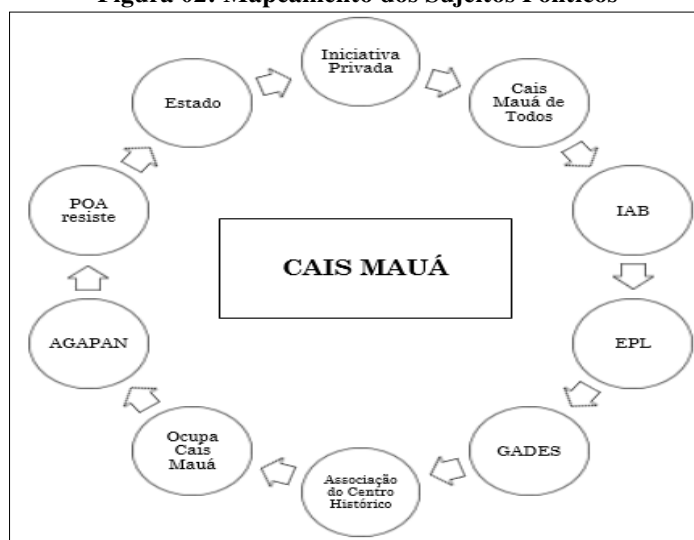
#### 4. Análise dos resultados

A sessão de análise e discussões dos resultados foi apresentada em três etapas complementares. A primeira etapa corresponde ao mapeamento dos sujeitos políticos que orbitam em torno do Cais Mauá e suas demandas naquela região. Na segunda etapa são identificados os discursos sobre a requalificação do Cais Mauá através do método foucaultiano (enunciado, funções, regras e formações discursivas). A terceira etapa demonstra as articulações que movimentam os diálogos por meio das categorias analíticas e os ciclos retrodutivos abordados na metodologia.

##### 4.1. ETAPA I: Mapeamento dos sujeitos políticos

Foi realizado o mapeamento dos sujeitos políticos que foram retirados do arquivo de pesquisa, onde todos esses atores disputam o espaço e tentam gerar significado as suas lutas pelo futuro do Cais Mauá. A figura 02 apresenta os atores encontrados através dos discursos no arquivo da pesquisa.

Figura 02: Mapeamento dos Sujeitos Políticos



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Observando a figura 02, os sujeitos políticos emergem de uma série de demandas. Percebe-se que em torno da requalificação do Cais Mauá existe variadas posições de sujeitos identificadas por seus grupos de representação.

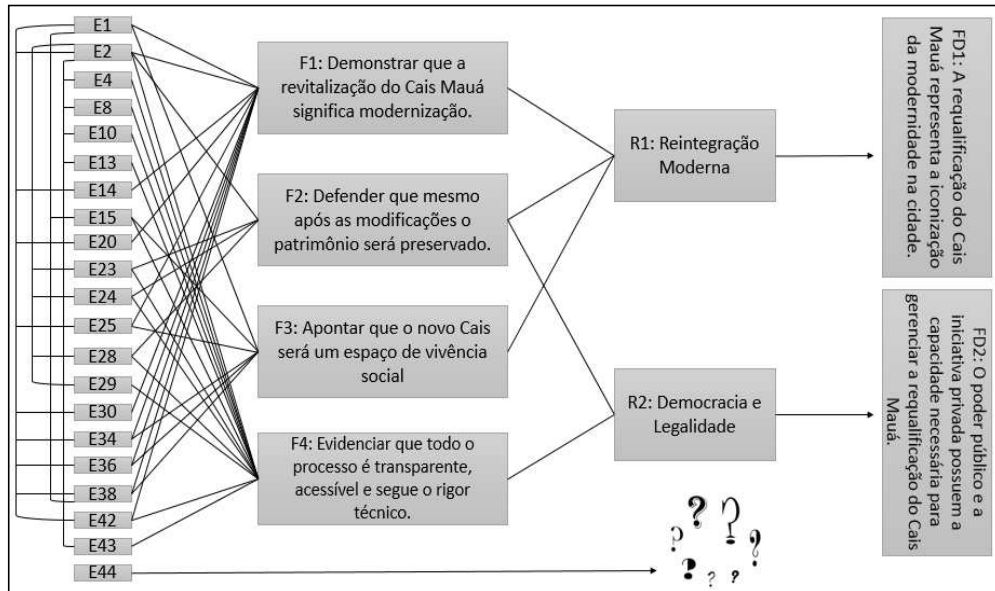
##### 4.2. ETAPA II: Acessando os discursos por meio da arqueologia foucaultiana

O primeiro grupo refere-se aos enunciados, onde foram identificados 48 enunciados. O segundo grupo de elementos são as funções enunciativas. Dos 48 enunciados foram identificadas sete funções através de suas relações.

Dentre as sete funções foram identificadas quatro (F1, F2, F3 e F4) que se mostram favoráveis a requalificação e as três restantes (F5, F6 e F7) se apresentam como antagônicas, demonstrando a insatisfação dos movimentos de resistência. O terceiro grupo de elementos são as regras. Das sete funções foram identificadas cinco regras de formação.

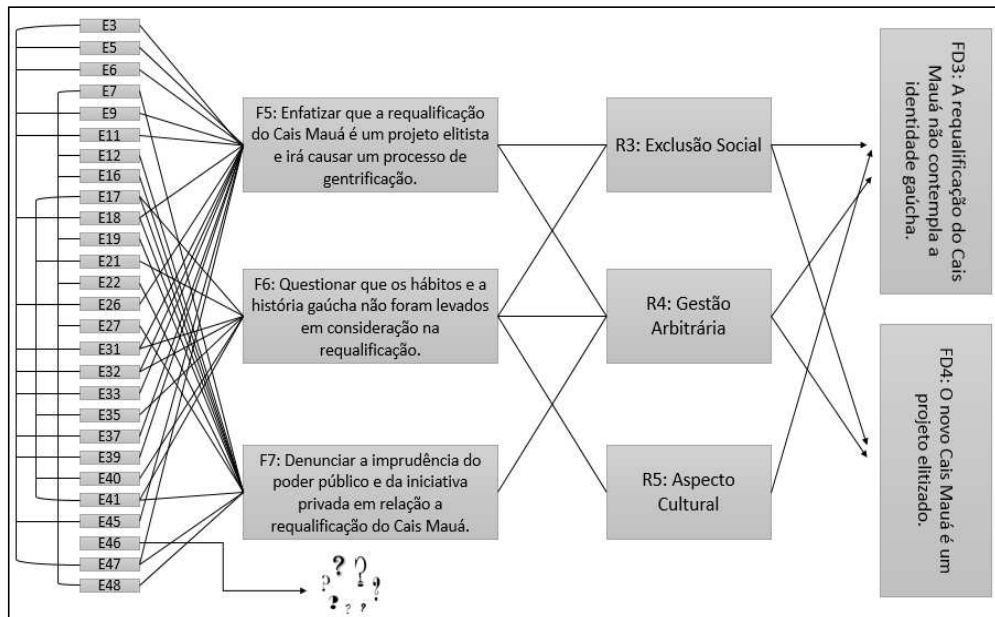
Existem duas regras (R1 e R2) que se mostram favoráveis a requalificação e as três restantes (R3, R4 e R5) se apresentam como antagônicas, demonstrando a insatisfação dos movimentos de resistência. Foram identificadas quatro formações discursivas e elas dizem respeito ao resultado dos feixes de relações entre os elementos constitutivos. As figuras 03 e 04 demonstram os feixes de relações até chegar nas formações discursivas, perpassando desde os enunciados, as funções e as regras identificadas.

**Figura 03: Mapa de Relações das Formações FD1 e FD2**



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

**Figura 04: Mapa de Relações das Formações FD3 e FD4**



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Algo chama atenção para os enunciados (E44; E46), pois como demonstrado apresentam várias interrogações, devido sua incapacidade de relações com as funções. Isso acontece porque ele fica orbitando no campo discursivo em busca de significados, denotando inclusive, as discontinuidades do discurso.



### **4.3. ETAPA III: Articulações que movimentam os diálogos por meio das categorias analíticas e os ciclos retrodutivos**

#### **4.3.1. Primeiro ciclo: o Cais Mauá como ícone de modernidade**

Durante as análises foram identificadas duas cadeias de equivalências com poder de articulação na postura hegemônica que seria o poder público e a própria iniciativa privada, que fundamentam a sustentação dessa formação discursiva. Elas se articulam de tal modo que formam uma cadeia individual. O discurso dessa cadeia defende uma requalificação por uma cidade mais humanizada, mais orgânica, integrada com seu centro, representando a modernidade.

No que diz respeito aos momentos e as articulações, observa-se que eles procuram criar pontos nodais com os significados ligados a acessibilidade, convivência, reintegração e consumo cultural. O elemento nesse caso são as empresas que fazem parte do consórcio que se articulam para formar os momentos que são as ações na tentativa de convencimento da sociedade.

Essa formação está ancorada a um ideal de modernização, favorecendo o mercado de turismo do estado de Porto Alegre. A requalificação está servindo como principal vetor para alcançar o objetivo de colocar a região na concorrência intercidades, conforme apresenta os trechos do arquivo a seguir.

José Fortunati parabenizou a união de esforços dos governos municipal e estadual para viabilizar projetos que colocam a Capital dos gaúchos em outro patamar de desenvolvimento. Fortunati ponderou que a revitalização do Cais Mauá somasse às iniciativas da prefeitura de qualificação do Centro Histórico, elevando o patamar de desenvolvimento econômico e do turismo da cidade. "A cidade de Porto Alegre vai entrar para a história. Estamos operando uma transformação fantástica na cidade, um espaço nobre para a cultura, gastronomia e turismo" (...) tornando o Cais um ponto de referência para o Brasil e o Mundo. (Nome da Matéria: Área do Cais Mauá é entregue aos responsáveis pela revitalização. Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Publicado em 23/11/2011).

A questão da infraestrutura é condição necessária para a ideia da modernidade nas premissas do estado moderno, dessa forma, o Estado que tem o poder de promover essas mudanças acredita que a modernidade se dá através dessas infraestruturas, entretanto, questiona-se a premissa da “modernização a qualquer custo”. Para Harvey (2005), Lefebvre (2008), Gehl (2013) e tantos outros teóricos que discutem a cidade, esse espaço é considerado como um organismo vivo, eles buscam uma modernidade levando em consideração o equilíbrio entre a relevância dos elementos naturais com os elementos urbanos, dessa forma, é preciso que exista uma integração do moderno se relacionando com o tradicional de forma harmônica, ou seja, não se abandona o passado, se integra.

Como pode ser observado os trechos do arquivo exemplifica o discurso hegemônico sobre a requalificação a partir de posicionamentos “saudáveis” e “positivos” para a população. Por enquanto, a proposta quando orbitava no campo das ideias era aceitável por parte da sociedade, entretanto, qual seria o custo e como esse projeto estava pautado?

As cadeias de equivalências se articulavam e tinham a necessidade inicial de convidar a sociedade para participação no projeto com o intuito de ter apoio, mas logo em seguida, o custo seria a construção de empreendimentos para atração turística ou nos termos, uma cidade-mercadoria (HARVEY, 2005; HARVEY, 2015). As inferências que podem ser percebidas entendem que os significados ligados a convivência, reintegração, modernidade, consumo cultural e melhorias na cidade fazem parte de um discurso maior baseado em atividades lucrativas e empreendedoras.

#### 4.3.2. Segundo ciclo: parceria público-privada (PPPs) no novo Cais

Essa formação está ancorada a uma promoção positiva da iniciativa privada e do poder público, demonstrando o compromisso do consórcio na execução das obras no Cais, um discurso articulado com o poder público. O governo apoia esse discurso com ações que demonstram positivamente a reputação do consórcio empreendedor, com um discurso de respeito a cultura local, a preservação do patrimônio e uma democracia participativa, seguindo questões técnicas dentro da legalidade.

Quando a população começou a questionar sobre o destino da área tombada pelo patrimônio histórico, o poder público se mobilizou nas mídias sociais para defender esse significado ligado a “continuidade da historicidade local” (uma vez que Porto Alegre teria se originado do Porto Cais Mauá), ou seja, essa função se materializou na preservação do espaço como indica trechos do arquivo a seguir.

Nesta sexta-feira, 30, estive em Porto Alegre o arquiteto catalão Fermín Vázquez, que, juntamente com o arquiteto Jaime Lerner, é responsável pelo projeto do Cais Mauá. Ele apresentou ao grupo, que integra representantes da prefeitura e do Porto Cais Mauá, os estudos sobre o restauro dos armazéns tombados pelo patrimônio histórico. Na ocasião, Vázquez mostrou como vem sendo pensado o projeto, sempre com a preocupação de preservar a história, agregando modernidade. (Nome da Matéria: Arquiteto catalão apresenta estudos de restauro do Cais Mauá. Fonte: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Publicado em 30/08/2013).

Percebe-se que uma quantidade de matérias tentava articular um significado de compromisso do consórcio a fim de conquistar a confiança da sociedade desde a licitação até a execução das obras. O processo licitatório carregou consigo debate na sociedade uma vez que foi de concorrência única, então dessa forma, as ações do consórcio se pautavam na promoção da sua imagem expandindo que os rigores legais estavam sendo cumpridos em todas as etapas do projeto. Trechos do arquivo evidenciam esse discurso.

O presidente da NSG, Luiz Eduardo Abreu anunciou a entrega do EVU e disse que foi um trabalho árduo, tanto o EIA-RIMA quanto o EVU. “Sempre procuramos atender a todas as exigências da prefeitura. Temos a satisfação de cumprir todas as etapas e é muito gratificante chegar ao final do ano com estas etapas cumpridas. “O que nos dá segurança de fazer com que o trabalho evolua de forma tranquila é a certeza de que, tecnicamente e juridicamente, estamos progredindo sempre de forma correta, como deve ser”, finalizou parabenizando a direção da Cais Mauá do Brasil pelo trabalho. (Nome da Matéria: Cais Mauá encerra ano com EIA-RIMA aceito e EVU entregue na Prefeitura. Fonte: <http://vivacaismaua.com.br>. Publicado em 23/12/2015).

A emissão de relatórios (EIA-RIMA; EVU) e intervenções políticas serviam como apoio para justificar o contexto da revitalização e se apresentam como momentos na TD. Vale salientar que o Estado (investimento público) surge como um elemento muito bem articulado dentro da cadeia de equivalência quando é enfatizado que o mesmo terá “gasto zero” na execução da requalificação e na publicação de relatórios que isenta o consórcio de qualquer suposta irregularidade. Verifica-se então um aliado com bastante poder que compartilha significados comuns que os torna discursivamente com laços fortes e com interesses individuais particulares.

É relevante mencionar que em algumas situações o Estado exige do empreendedor ações quando é pressionado pela população no que diz respeito ao direito à cidade, ou seja, a posição dele se configura no campo de conflito entre o consórcio e as demandas da sociedade. O que parecia uma cadeia de equivalência muito bem articulada parece existir agora uma cadeia de diferença de acordo com Laclau e Mouffe (2015) que desarticula o discurso hegemônico.

Lefebvre (2008) quando discute sobre o direito à cidade, argumenta que esse direito é muito mais que a liberdade individual e sim uma liberdade coletiva e de fazer a cidade por meio da reinvenção da vida social. A crítica gira em torno de um modelo de circulação através de uma lógica de mercado hegemônica e na atuação do Estado sobre a utilização do espaço, nesse caso, a propriedade privada e o lucro superam as noções mais básicas do direito, comprometendo a essência do serviço público, assim muitas vezes representa a privatização desses serviços públicos, beneficiando apenas um tipo de interesse por um Estado que é (ou deveria ser) em sua essência social.

#### **4.3.3. Terceiro ciclo: a requalificação fere a identidade gaúcha**

Essa formação está ancorada no argumento pelos movimentos de resistência que o projeto de requalificação do Cais Mauá contradiz a identidade gaúcha, ou seja, de acordo com eles, o gaúcho não poder ser gaúcho nesse tipo de modificação no Cais. Durante as análises foram identificadas oito cadeias de equivalências que fazem parte da postura contra hegemônica: 1) Cais Mauá de Todos; 2) Ocupa Cais Mauá; 3) Coletivo “A cidade que queremos”; 4) IAB; 5) EPL; 6) GADES; 7) intelectuais; 8) AGAPAN. Todos esses grupos são contra o projeto atual e lutam por outra possibilidade de requalificação.

A lógica de equivalência entre esses grupos consiste na defesa de maior transparência, participação e democracia, se posicionando contra qualquer obra no local que tente elitizar o espaço público e que modifique o cotidiano na população (tradição gaúcha) que frequenta o centro histórico. Foi percebido que esse discurso está na maioria das falas dos entrevistados, demonstrando o descontentamento dessa obra que pretende gerar vida no centro histórico da cidade, mas que não carrega atividades lúdicas e que exclui a identidade gaúcha. Trechos das entrevistas evidenciam esse discurso.

(...) é um projeto que descaracteriza a cidade, Porto Alegre tem o nome de Porto Alegre atribuído a esse Porto Cais Mauá né, o cartão postal da cidade, o mais famoso deles é onde aparece o Cais, aparece todo o porto, parte do centro, aparece a cúpula da catedral, aparece a cúpula da igreja das dores, a chaminé da usina no canto, então é uma paisagem que de fato retrata a cidade, imagina como ficará essa imagem depois dessa requalificação? Não é essa imagem que reflete o nosso dia-a-dia, o jeito de ser gaúcho. A cidade nunca mais vai ser a mesma, essa fotografia não vai mais existir, rasguem! (Entrevistado 06).

(...) a forma como está estruturado os armazéns têm toda uma simbologia que faz parte do dia-a-dia da forma de viver do gaúcho né (...) (Entrevistado 05).

Percebe-se que as falas dos entrevistados orbitam no campo discursivo na tentativa de gerar um significado para a população de Porto Alegre. O gaúcho parece se preocupar bastante com sua identidade e por isso resiste dessa forma. Entretanto, se o projeto de requalificação no porto contradiz com a identidade gaúcha, qual seria um projeto alternativo que retratasse esse tipo de demanda? Como o gaúcho precisa ser significado nesse espaço público? Como os hábitos gaúchos não se sustentam no projeto atual? E como o antigo Cais representa o gaúcho que não é resgatado no novo Cais? Nesse caso, a identidade é do lugar.

Os elementos, nesse caso, são as entidades que fazem parte dos movimentos contrários a requalificação e eles procuram fazer momentos para desarticular a postura hegemônica por meio das cadeias de equivalências. Os momentos se apresentam como as ações para dificultar o andamento das obras, exigindo mais participação social e dentre outras coisas. Aliás, falando em democracia, essa questão foi pouco vista pelo discurso da resistência como evidenciado no trecho da entrevista a seguir, observando também as articulações dos movimentos para se chegar a uma nova hegemonia.

(...) a própria empresa organizou toda a audiência que definiu um local num clube super chique, cheio de tramites inacessíveis a população mais carente, e foi apresentado com um vocabulário super rebuscado. Então em resistência os movimentos chamaram outra audiência pública, ou seja, a sociedade iria ser lesada. Se formou uma frente parlamentar, juntou vereadores, com deputados, então essa foi uma ação importante. Não houve a participação popular em nenhuma etapa, embora eles afirmem ter havido uma audiência pública à época da mudança da lei para permitir as concessões à empresa. (Entrevistado 04).

É perceptível a luta pelo significante vazio a partir de articulações e as variadas posições do sujeito. Laclau menciona que o sujeito resiste e se articula nos procedimentos que compõem as relações sociais, e dentro desse movimento articula-se e transforma-se, criando novas formas de ver o mundo (SANTOS; MELLO, 2014). A questão da identidade gaúcha surge como um argumento que sistematiza os pontos nodais inseridos no discurso.

Nesse momento vale uma ressalva para o conceito de identidade. Essa que na TD é apontada como uma identidade política e que não está fixa no sujeito, ou seja, ela é passageira e contingente. Quando se discute algo no sentido político, significa problematizar sobre a coletividade, então a questão da identidade é, sobretudo, pensar na relação eu/outro na teoria social e política. As identidades são construções contingentes com as funções e posições de sujeitos disponibilizados pelos discursos produzidos historicamente (HOWARTH, 2013).

#### **4.3.4. Quarto ciclo: a requalificação representa a elitização do espaço**

Os movimentos de resistência exaltam um discurso enfatizando que o atual projeto de requalificação do Cais Mauá é um projeto elitizado, que beneficia um certo grupo específico. Foi observado que esse discurso tem um peso muito forte e todo o tempo estava sendo significado e debatido pela resistência. Trechos das entrevistas indicam esse discurso a seguir.

(...) o poder público garante privilégios para um certo grupo entendeu? Quando a gente vê um projeto dessa dimensão e tanta dedicação do poder público para esse projeto em específico, a gente questiona: é isso mesmo que a cidade precisa? É colocar a cidade num mero plano de negócios, existe uma demanda por mega investimentos na cidade num circuito mundial (Entrevistado 04).

(...) apesar de não ter, uma catraca, uma cobrança para entrar, mas a forma como ele está estruturado acaba restringindo o tipo de pessoas que vão compartilhar esse espaço que é do povo (Entrevistado 05).

Como pode ser observado, as falas indicam a revolta diante desse projeto de requalificação. Os argumentos eram os mesmos: elitização, segregação e gentrificação, cada um com seu ponto de vista. Os grupos se mostravam favoráveis a uma requalificação, mas que não fosse da forma como estava sendo gerenciada. Eles têm consciência que o Cais precisa ser reativado, mas com atividades culturais e lúdicas, onde a população não se sinta excluída e sim incluída em todo o processo. Outra questão muito observada nos discursos foi sobre a sobrevivência do comércio próximo ao Cais, no centro histórico.

(...) bem, a nossa hotelaria do centro histórico na melhor das hipóteses ela consegue 50% de ocupação nos grandes eventos, aí tu colocas um edifício de hotel com 80 metros de altura na frente do pôr do sol, então uma concorrência desleal e massacradora, muito injusta e pior, numa área pública. Tu pega uma área pública e entrega de mãos beijadas para um particular pra fazer uma concorrência que é desleal (Entrevistado 06).

Parece que existem várias demandas em busca de significados nessa requalificação do Cais Mauá, entretanto, a crítica que se faz é como aliar as demandas, fazendo com que a sociedade seja a única beneficiada? Muitas das vezes os discursos se polarizavam em uma

lógica de um contra o outro, onde a sociedade ficava nesse embate, muitas vezes sem ser ouvida. Quando questionados sobre os possíveis benefícios que esse projeto vai trazer a população as respostas foram:

Se tem benefícios? Sim, um pequeno benefício e uma extrema exclusão, então questiona-se: benefício mesmo? Se tivesse somente esse projeto, não tem nenhuma outra alternativa, ah não então tá, é melhor o uso do que o desuso, mas não é o caso (Entrevistado 05).

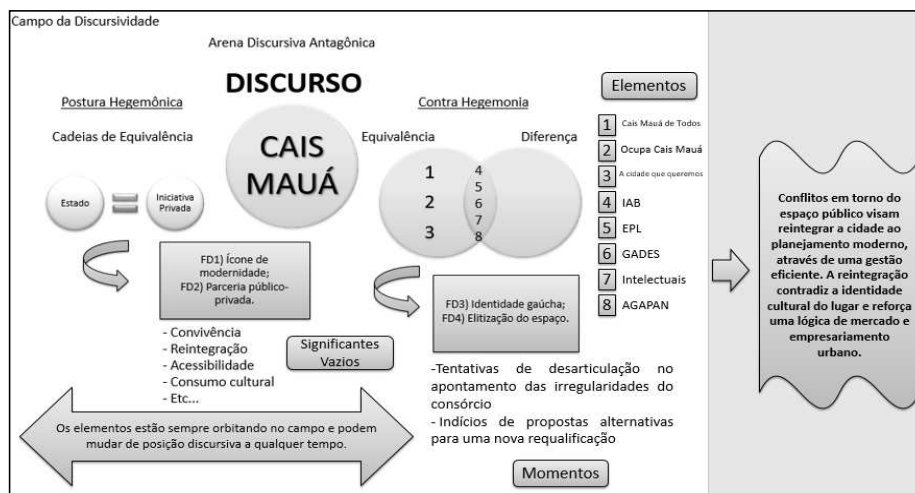
A análise do discurso dos que estão a favor do projeto atual de requalificação se apresenta como um articular em favor do sentido de que a requalificação é relevante para o progresso da cidade. Como está sendo observado, esse discurso disputa espaço com aqueles que são contra o projeto da maneira que está sendo imposta, sem levar em consideração o “sentir” da cidade (LEFEBVRE, 2008; HARVEY, 2005). Essa cadeia de equivalência compartilha de muitos significados comuns, o que os torna politicamente fortes. Nesse sentido, esses diálogos são como práticas articulatórias que pretendem fixar sentidos em torno do Cais.

Apesar da articulação na contra hegemonia, ainda é possível observar algumas individualidades, deixando transparecer as diferenças. Dessa forma, a falta da cadeia de equivalência aparece como uma cadeia de diferença que muitas vezes desarticula o significado de “preservação cultural, ambiental e identitária”, desocupando suas posições, conforme evidenciado no trecho a seguir.

(...) acredito que esse projeto vai melhorar muita coisa aqui no centro histórico. As ruas a noite são perigosas, então tu revitalizando iria trazer as pessoas de outros lugares para desfrutar né, do espaço e se ninguém tá alí o espaço fica abandonado, então é melhor que o povo habite, e assim, mais opções de restaurante e mais espaços de lazer, então é isso, estou ansiosa por esse progresso que eles tanto falam (Entrevistado 08).

Essa fala evidencia as várias demandas para o Cais Mauá, onde parte da população quer a requalificação do jeito que está sendo proposta e várias outras camadas assumem outras posições. Percebe-se as frentes de batalha perante a um projeto que pretende gerar uma nova vivência para a população de Porto Alegre, entretanto as críticas se pautam em como essa vivência é percebida pela população. Nesse sentido, foi criada uma representação gráfica onde buscou-se ilustrar alguns elementos, alguns momentos, significantes vazios, as cadeias de equivalência e lógicas de diferenças presentes em torno do ponto nodal requalificação do Cais Mauá (Figura 05).

**Figura 05: Arena Discursiva Antagônica em torno do Cais Mauá**



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

A interpretação da representação gráfica denota o campo da discursividade por meio da arena discursiva antagonica e os conceitos que fazem parte da Teoria do Discurso. No centro, o próprio espaço de disputa, o Cais Mauá e nas laterais os sujeitos políticos em busca de trazer significado ao espaço do significante vazio.

Na postura hegemônica, a presença do Estado e do capital numa cadeia de equivalência com sua formação discursiva identificada nas análises por meio de convivência, reintegração, acessibilidade e consumo cultural e o lado antagonico representado pela contra-hegemonia, denotando algumas cadeias de equivalências (1, 2 e 3) com discursos de maior transparência e democracia sem elitização do espaço através de tentativas de desarticulação do discurso hegemônico e indícios de propostas alternativas.

Além de algumas cadeias de diferenças devido a interesses individuais e desarticulações. Por isso, os números 4, 5, 6, 7 e 8 representado pelos grupos políticos estão na interseção do globo, demonstrando em alguns momentos equivalências e em outros as diferenças e a seta para esquerda e para direita, indicando que todos os elementos, dependendo do contexto, podem modificar seus discursos alcançando variadas posições de sujeito.

## 5. Conclusões

A investigação apontou quatro formações discursivas em torno do Cais: de um lado, duas formações favoráveis a requalificação, ancorado na concepção de modernização e desenvolvimento da cidade de Porto Alegre; de outro, um posicionamento contrário a este, com também duas formações discursivas, embasado na convicção de que a forma como estava sendo proposto o projeto não atende aos anseios sociais.

Os sujeitos envolvidos buscam através das articulações hegemônicas seus valores por meio de seus discursos e ações. Essa dualidade de questionamentos e opiniões acabam por mostrar uma lógica polarizada e maniqueísta “do bem contra o mal”, entretanto, essa não foi a intenção desse trabalho, pois apenas foram observadas posições antagonicas e os discursos em torno do Cais Mauá, problematizando-os.

Refletindo sobre as teorias sobre direito à cidade e produção capitalista do espaço, é possível concluir que o discurso da iniciativa privada e do poder público é elaborado por meio de uma visão de desenvolvimento, muitas vezes, eurocêntrica (BENNETT, 2012). Essa questão é observada na inspiração de modelo de requalificação dos espaços europeus, que é visto como adequado, sem que exista uma adaptação crítica a cada contexto específico.

Esse é mais um exemplo de entender a cidade como produto, onde a administração pública é mais uma idealizadora em busca de “progresso” (JUSTEN; MORETTO NETO, 2013), ignorando os aspectos sociais e as demandas da sociedade em detrimento dos aspectos privados (ESCOBAR, 2010). Assim, é possível estabelecer uma crítica aos pressupostos da modernidade através da crítica ao modelo de circulação e uma lógica de mercado. O desafio é entender nem sempre modelos que deram certo em uma realidade também vai garantir o mesmo sucesso em outros.

Os achados também esbarram com o conceito de democracia. Essa democracia que tanto foi observada nos discursos contra hegemônicos. A reflexão que se faz é que esse conceito também é um significante vazio, onde diversos sujeitos políticos tentam significar a partir de demandas próprias e excludentes. A requalificação do Cais Mauá aparece como apenas uma fração desse discurso maior sobre a questão da mobilidade, a privatização de espaços públicos, planejamento urbano, o potencial dano ao patrimônio cultural, uso eficiente do espaço, engajamento político e na participação popular com consequências positivas quando balizadas na elaboração de políticas públicas urbanas.

O esboço de resposta à pergunta de pesquisa se pauta em refletir sobre a seguinte colocação: tanto o discurso hegemônico como a postura da contra hegemonia possuem suas peculiaridades, mas compartilham algo em comum: o conceito de cidade. Por um lado, um

conceito de cidade baseado em grandes empreendimentos, e do outro lado um modelo baseado em participação e preservação através de denúncias, resistência e estratégias. “Se essa rua (Cais Mauá) fosse minha eu mandava ladrilhar...” O Cais Mauá é do povo, então ele precisa ser pensado com o povo e para o povo. Entretanto, essa questão enfrenta diversos desafios como observado nos conflitos aqui apresentados, no qual a cidadania democrática ainda parece estar engatinhando em nossa realidade brasileira. O novo Cais está longe de ser consenso naquela realidade.

## Referências

ANGNES, J. S., MATOS, S. M. M., KLOZOVSKI, M. L., & STURM, M. I. Consórcio Intermunicipal da Fronteira (CIF): descrevendo as principais ações voltadas ao desenvolvimento regional a partir da perspectiva do poder público municipal. **Rev. Adm. Pública**, v. 47, n. 5, p. 1165-1188, 2013.

ASHWORTH, R.; FERLIE, E.; HAMMERSCHMID, G.; MOON, M. J.; REAY, T. Theorizing contemporary public management: international and comparative perspectives. **British Journal of Management**, v. 24, n. 1, p. 1-17, 2013.

BENNETT, C. Supporting the posts in development discourse: under-development, over-development, post-development. **Sociology Compass**, v. 6, n. 12, p. 974-986, 2012.

BRAUN, F.; MEIRINO, M. J.; OLIVEIRA, P. R.; FRANÇA, S. L. B. Porto Maravilha: os impactos das obras de revitalização na percepção dos empresários da região. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, v. 5, n. 1, p. 093-110, 2017.

CELLARD, A. (2008). A análise documental. In: Poupart, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORDEIRO, A. T., & MELLO, S. C. B. Teoria do discurso laclauiana: uma mediação entre teoria crítica e prática política. **Anais do Encontro Nacional da Anpad**, Rio de Janeiro, 2010.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2010.

DELLAGNELO, E., BÖHM, S. (2010). **Empirical studies and political discourse theory: a critical analysis of resistance from an organisational perspective**. In: VI Encontro de Estudos Organizacionais, Florianópolis. Anais. Florianópolis: ENEO.1CD, 2010.

ESCOBAR, A. Latin America at a crossroads: alternative modernizations, post-neoliberalism, or post-development. **Cultural Studies**, v. 24, n. 1, p. 1-65, 2010.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do Saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder** (28ª ed.). São Paulo: Paz e terra, 2014.

FREITAS, A. F., FREITAS, A. F., & DIAS, M. M. O colegiado de desenvolvimento territorial e a gestão social de políticas públicas: o caso do Território Serra do Brigadeiro. **Rev. Adm. Pública**, v. 46, n. 5, p. 1201-1223, 2012.

GEHL, J. **Cidade para Pessoas**. 2.ed. Tradução: Anita Di Marco. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GLYNOS, J. & HOWARTH, D. (2007). **Logics of critical explanation**. Abingdon: Routledge, 2007.

GODOY, A. **Estudo de Caso Qualitativo**. In: Godoi, C. K.; Bandeira-De-Mello, R.; Silva, A. B. Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais- paradigmas, estratégias e métodos (2ª ed.). São Paulo: Saraiva, 2010.

GOMES, H. **A produção do espaço geográfico no capitalismo**. São Paulo, Contexto, 1990.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. Hucitec, 1980.

HARVEY, D. **Os limites do capital**. Boitempo Editorial, 2015.

HOWARTH, D. **Discourse**. New York: Open University Press: McGraw Hill, 2000.

HOWARTH, D.; GLYNOS, J.; GRIGGS, S. **Discourse, explanation and critique**. Critical Policy Studies, 10(1), 99–104, 2016.

HOWARTH, D. **Poststructuralism and after: Structure, subjectivity and power**. Springer, 2013.

HOWARTH, D; STAVRAKAKIS, Y. **Introducing Discourse Theory and Political Analysis**. In: HOWARTH, D; NORVAL, A.J; STAVRAKAKIS, Y. Discourse theory and political analysis. Manchester: Manchester University Press, 2000.

JUSTEN, C. E.; MORETTO NETO, L. Gestões do desenvolvimento e desenvolvimentos da gestão: da unilateralidade reificada à dialogicidade da simbiose homem/natureza. **Cad. EBAPE.BR**, v. 11, n. 2, p. 295-310, 2013.

KLERING, L. R.; PORSSE, M. C. S. Em direção a uma administração pública brasileira contemporânea com enfoque sistêmico. **Desenvolvimento em questão**, v. 12, n. 25, p. 41-80, 2014.

KJAER, A. M. Rhode's contribution to governance theory: praise, criticism and the future governance debate. **Public Administration**, v. 89, n. 1, p. 101-113, 2011.

LACLAU, E. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LACLAU, E., & MOUFFE, C. **Hegemony and socialist strategy**. London: Verso, 1985.

LACLAU, E., & MOUFFE, C. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: intermeios; Brasília, 2015.



- LAGE, M. C. **Utilização do software NVivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD.** In: ETD – Educação Temática Digital 12, esp., pp. 198-226. URN, 2011.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade.** Centauro Editora, 2008.
- LEFEBVRE, H. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, H. **The production of space.** Oxford: Blackwell, 1974.
- MENDONÇA, D. Como olhar "o político" a partir da teoria do discurso. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 1, p. 153, 2009.
- MENDONÇA, D. A teoria da hegemonia de Ernesto Laclau e a análise política brasileira. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 43, n. 3, p. 249-258, 2007.
- MENDONÇA, D. Teorizando o agonismo: crítica a um modelo incompleto. **Revista Sociedade e Estado**, 25(3), 479-497, 2010.
- PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução.** Autêntica, 2000.
- POUPART, J. **A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas.** In: A pesquisa qualitativa enfoques epistemológicos e metodológicos (4ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- SANTOS, J. M. L.; Mello, S. C. BOs significados de Belo Monte no discurso das mídias sociais. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo.** São Paulo, 2014.
- SARUP, M. **An introductory guide to post-structuralism and postmodernism.** 2.ed. London: Harvester Wheatsheaf, 1993.
- SILVA, C. C. G.; BATISTA, M. M.; MELLO, S. C. B. A teoria do discurso de Laclau e Mouffe. In: S. C. B. Mello (Org.). **Construção Social da Tecnologia e Teoria do Discurso.** Recife: Editora UFPE, 2014.
- THIRY-CHERQUES, H. R. **Métodos Estruturalistas: pesquisa em ciência de gestão.** São Paulo: Atlas, 2008.
- VIEIRA, O. A. D. A revitalização do Cais Mauá - por uma outra possibilidade. **Revista ROSA DOS VENTOS-Turismo e Hospitalidade**, v. 4, n. 1, 2012.
- YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016.